



O USO DA IMAGEM NA PERSPECTIVA FREIREANA COMO MEDIAÇÃO PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA NA EJA

THE USE OF IMAGE IN THE FREIREANA PERSPECTIVE AS MEDIATION FOR THE FORMATION OF ECOLOGICAL CONSCIOUSNESS IN THE EJA

Dafiana do Socorro Soares Vicente Carlos¹
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

RESUMO

A imagem está presente na História da Humanidade desde as pinturas rupestres deixadas por nossos ancestrais na pré-história. Essas pinturas já explicitavam a ação do homem sobre a natureza. Hoje, vivenciamos a 'Era imagética', norteadas pelo uso exacerbado de imagens, o que se atribui, não raras vezes, às empresas de comunicação que as tornam cada vez mais atraentes aos olhos do observador. No que se refere ao uso da imagem na EJA, numa perspectiva freireana, passa a ter um aspecto de anúncio e de denúncia da realidade. Essas denúncias podem constituir sujeitos mais conscientes ecologicamente. Assim, com base no método de Paulo Freire, a imagem passa a ter a intenção de formar sujeitos impacientes contra um modelo de sociedade consumista, individualista, hedonista e indiferente às destruições ambientais que vêm ocorrendo nas sociedades, frutos do desenvolvimento desenfreado em torno do modelo capitalista, que prioriza o ter, e não, o ser. Portanto, o diálogo com as imagens que expressam a necessidade de cuidar do meio ambiente na luta contra sua destruição possibilita mudanças no modo de ver, de sentir, de intervir, de criar e de recriar o mundo. O uso da imagem na EJA a partir das propostas de Freire, além de formar seres criadores e criativos, possibilita a tomada de consciência das necessidades ambientais na contemporaneidade.

Palavras-chaves: Imagem. EJA. Consciência ecológica.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, temos contemplado fortes mudanças tecnológicas, que ocasionaram a proliferação das imagens em várias áreas, a saber: na publicidade, na arte, na medicina, no jornalismo, nas produções cinematográficas e televisivas, na educação, dentre outras. Tal proliferação imagética é constituída de fotografias,

¹ Doutoranda em Educação, Mestre em Ciências das Religiões- PPGCR-UFPB; Pedagoga pela UFPB (com área de aprofundamento em Educação de Jovens e Adultos) e Especialista em Educação de Jovens e Adultos pela UFPB. E-mail: daffyanna@gmail.com



desenhos, pinturas, outdoor, esculturas, charge, tiras, televisão², filmes, vídeo etc. Essas imagens, cotidianamente estão diante de nós, invadindo nossa intimidade, persuadindo e constituindo publicamente nossa subjetividade.

Em meio à explosão comunicativa, as imagens conquistam espaço significativo e difundem suas mensagens dotadas de valores sociais, políticos, econômicos e culturais. Para que possamos fazer uma leitura crítica da imagem, precisamos entendê-la como representação das manifestações da prática social e cultural do homem, atento ao que ela nos transmite por meio de sua visualização. Nessa “era imagética”, é necessário educar o olhar e, nesse sentido, o papel do educador é relevante para viabilizar o uso de recursos didáticos que proporcionem uma aula lúdica, criativa e significativa, que contribua para que os sujeitos da EJA possam ler, interpretar e compreender as representações do mundo e formar uma consciência crítica, reflexiva e autônoma.

Considerando o “poder” da imagem na constituição das subjetividades dos indivíduos, entendemos que seu uso na Educação de Jovens e Adultos potencializa a constituição da consciência ecológica desses sujeitos, para que possam compreender bem mais a realidade ambiental em que estão inseridos, numa perspectiva local e global.

Nesse sentido, este artigo se alinha à pesquisa qualitativa³, objetivando analisar o uso da imagem na EJA numa perspectiva freireana, tendo o diálogo problematizador como mediação para entender o modo como os alunos interpretam as imagens que retratam as ações do homem que têm provocado devastações e destruições ambientais.

O artigo se desdobra em três momentos: no primeiro, tratamos da imagem no contexto da sociedade grafocêntrica; no segundo, abordamos seu uso na perspectiva freireana, e no terceiro, a importância da imagem (fotográfica, charge, videográfica,

² Sobre o tratamento crítico da imagem televisiva, consultar: Vicente (2010).

³ A pesquisa qualitativa privilegia algumas técnicas que auxiliam o pesquisador a descobrir fenômenos latentes, como a observação participante, a história de relatos de vida, a análise de documentos e as entrevistas não diretivas que reúne no corpus qualitativo de informações que se baseia na racionalidade comunicacional. Mais informações sobre pesquisa qualitativa, consultar: BAUER, Martins W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes: Petrópolis, 2002. CHIZZOTTI, *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.



televisiva, fílmica, etc...) na formação da consciência ecológica na EJA, objetivando constituir mudanças atitudinais em relação às necessidades ambientais.

2 A IMAGEM NO CONTEXTO DA SOCIEDADE GRAFOCÊNTRICA

Na história da civilização, o homem, dotado de suas faculdades imaginativas, expressava-se através de imagens, que surgiram a partir da observação da natureza. Posteriormente, passou a desenvolver técnicas mais “sofisticadas” para expressar seu pensamento, como a escrita, por exemplo. Com o “desenvolvimento” da civilização, os sinais gráficos perderam seu caráter naturalista e se configurou um novo sistema de símbolos, desde o ideograma até o surgimento do alfabeto. Assim, rompeu com as comunicações de natureza imagética.

O nascimento do alfabeto fomentou uma revolução no conhecimento. A sociedade teria que se adequar a uma nova forma de comunicação mais fechada, abstrata e econômica, que resultou na “[...] racionalidade da cultura e na predominância de um sentido horizontal na forma de expressão humana, em detrimento da verticalidade típica da linguagem ideogramática” (AUMONT, 1995, p. 131). Isso denota que é inato ao homem a necessidade de se comunicar, de se expressar e de se fazer ouvir e entender.

A comunicação é um meio de socialização, de inclusão e de valorização da subjetividade do ser. Na antiguidade, a imagem tinha esse caráter democrático, e a escrita passou a dividir a sociedade em letrada e não letrada. Com o passar dos tempos, a escrita passou a ter um caráter de superioridade e prevalência, porquanto se desconsiderou a importância de ler as mensagens imagéticas em cada época.

Na atualidade, apesar de o domínio da escrita ser um fator determinante quando se trata de alfabetizar o indivíduo, não podemos desconsiderar a avalanche de imagens que imperam na sociedade, como as imagens que são vistas na internet, em revistas, em outdoor ou na publicidade televisiva. Portanto, somos sujeitos passivos a uma variedade de mensagens, que têm a intenção de formar a consciência das pessoas.

Embora não nos demos conta de que estamos imersos no mundo das imagens e que somos atraídos por suas mensagens sedutoras, elas provocam uma atitude



interpretativa, mesmo que nos limitemos ao primeiro olhar. Nesse contexto, conhecido como “era imagética” ou “civilização da imagem”, as imagens requerem que sejamos leitores visuais críticos, que assumamos a posição resistente de refletir, sempre que necessário, sobre o teor de suas mensagens.

Assim, precisamos sensibilizar nossos olhares, de modo que possamos estabelecer um diálogo com as imagens e perceber seu conteúdo e sua forma como um signo social, e proporcionar sua interação com a realidade. Com efeito, ler o mundo por meio da imagem significa adentrar o universo da cultura, ler e interpretar essas imagens e entender que são signos de uma cultura cujo consumo nos faz interiorizar, concomitantemente, um conjunto de representações, valores e visões de mundo.

Ao se referir à necessidade de ler imagens, Carlos (ano, p.) nos lembra: “[...] Não fazer pergunta a imagem soa como se ela não tivesse nada a dizer [...]”. Todavia, na educação atual, a imagem tem grande valor na prática educativa e pode contribuir significativamente para formar subjetividades conscientes ecologicamente.

3 O USO DA IMAGEM NA PERSPECTIVA FREIREANA

Neste ponto, destacamos alguns aspectos do uso da imagem na EJA sob o ponto de vista de Freire, para quem a imagem não pode ser desvinculada da realidade, ou seja, do contexto dos educandos e da própria especificidade da prática educativa ensejada. Com seu método, Freire parte do estudo da realidade (fala do educando) e da organização dos dados (fala do educador), um processo em que surgem os temas geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Nesse sentido, os conteúdos do ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é transmitir conteúdo específico, mas despertar uma nova forma de relacioná-lo à experiência vivida.

A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada “invasão cultural” ou “depósito de informações” porque não emerge do saber popular. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno como



indivíduo inserido em um contexto social de onde deverá sair o conteúdo a ser trabalhado. Nesse sentido, o fazer dos educadores é complexo e comprometido.

Os alunos da EJA chegam à escola com uma leitura do seu mundo particular. Respeitar o conhecimento que já detêm é o primeiro passo para que o educador comece a construir um pensamento mais crítico e elaborado. O próprio Paulo Freire coloca a leitura de mundo como indispensável para iniciar a leitura da palavra: “Os textos, as palavras, as letras daquele contexto se encarnavam também no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores [...]” (BRANDÃO, 2001, p.9). A tarefa do professor seria a de construir, aos poucos, a passagem desse mundo particular para o mundo mais geral, ou seja, passar da ‘leitura simples’ e ingênua para a leitura crítica da realidade.

Quanto à importância da comunicação por meio da leitura, Freire define o que é o ato de ler como

[...] uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante. Ninguém lê ou estuda autenticamente se não assume, diante do texto ou do objeto da curiosidade a forma crítica de ser ou de estar sendo sujeito da curiosidade, sujeito da leitura, sujeito do processo de conhecer em que se acha. Ler é procurar buscar criar a compreensão do lido; daí, entre outros pontos fundamentais, a importância do ensino correto da leitura e da escrita. É que ensinar a ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da *compreensão*. Da compreensão e da comunicação. (FREIRE, 2001, p.21)

As palavras de Freire denotam que ‘a leitura do mundo precede a leitura da palavra’, visto que toda leitura é influenciada pela experiência de vida do educando. Assim, quanto maior for o “conhecimento de mundo” maior sua capacidade de apreender novos conhecimentos, que ocorre através de toda uma bagagem que vai se acumulando. É por meio dela que o educando desenvolve sua criticidade em relação ao meio. Todavia a alfabetização de jovens e adultos deve ser um processo para além do cotidiano escolar: ler o mundo em primeiro lugar. Compreender por que as coisas são de determinada maneira, e não, de outra, para reescrevê-lo de outra forma à procura de mudanças. Para isso, é necessário que haja um exercício constante dessa prática, o que significa pensar na prática de cada dia.

A educação voltada para jovens e adultos não pode ser um processo mecânico, mas criativo, para que esses sujeitos possam perceber o mundo econômico, social e



cultural, que resulte de um processo mais amplo de conscientização. Ou seja, a consciência só é adquirida se houver um processo dialógico entre o homem e o mundo. Por isso é importante que os sujeitos se percebam no mundo, através de suas “leituras”, como agentes da história, que façam a História e que não apenas participem como expectadores: “[...] Fazer a História é estar presente nela e não simplesmente nela estar representado” (FREIRE, 2001; p. 40).

Na educação de jovens e adultos, a imagem vinculada ao método freireano passa a ter um caráter de anúncio e de denúncia da realidade, já que ela é a manifestação cultural da sociedade, que expressa valores morais, ideológicos e religiosos. Para Freire (2006), a cultura é toda criação do homem. Assim, a imagem, enquanto um artefato cultural, fala e oculta muitas coisas. Reforçando o caráter intencional da imagem, Aumont (1995, p. 131) resume, “[...] A imagem é universal, mas sempre particularizada [...]”.

Considerando que a educação é um ato intencional, o uso da imagem na EJA pode não só beneficiar o processo de alfabetização de jovens e de adultos, mas também formar sua consciência sobre a realidade social e transformá-lo em um sujeito crítico-reflexivo, que seja capaz de transformar o contexto em que está inserido e de exercer a cidadania.

4 A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA NA EJA

O desejo de pesquisar sobre o uso da imagem em Freire se manifestou quando passei a conhecer o assunto por meio do Projeto de Pesquisa do PIBIC, que investigava o uso da imagem na Educação Popular, tendo como foco a proposta pedagógica de alfabetização de jovens e adultos desenvolvida por esse educador⁴.

O levantamento dos escritos freireanos através da referida pesquisa apontou a utilização de recursos visuais como estratégia de mediação entre a aprendizagem da escrita e a leitura crítica do mundo social e natural. Tal presença foi constatada,

⁴ A fim de conhecer os resultados do referido Projeto de Pesquisa, ver Carlos; Vicente-Carlos; Alcantara (2012, p.153-216).

sobretudo, no Livro Educação como Prática da Liberdade, em que o autor registra várias imagens que abordam a natureza por meio do conceito de cultura.

De um total de dez quadros, nove codificavam representações do trabalho humano sobre a natureza. As codificações visuais da natureza transformada e da produção da cultura com a intervenção humana não só possibilitavam reconhecer a capacidade criativa e produtiva do ser humano como também entender que ele é, em primeiro lugar, um ser natural, biológico e, simultaneamente, histórico e cultural.



A visão ecológica do ser humano presente nas imagens registra que é necessário estabelecer uma relação ecológica com a natureza, que, ao ser transformada, deve ser, simultaneamente, preservada. Tal perspectiva ganha visibilidade no jogo de imagens que proporciona uma série de informações visuais em que as árvores, os pássaros e uma família de agricultor dependem da água para sobreviver e procriar. A água aparece codificada na imagem de um poço.

Três outras imagens ressaltam a dependência da reprodução humana relacionada diretamente à natureza. Essa representação é visualizada em quadros que registram a presença do trabalho agrícola, a criação de gado e a caça. Além disso, essa série de signos visuais informa sobre diferentes formas de produzir que marcaram a história da humanidade, como a caça, o plantio e a criação de gado. Esses dois últimos casos expressam uma fase em que o ser humano se fixa em determinado lugar e aprende um estilo de vida não mais nômade.

O desenvolvimento tecnológico e seu impacto na natureza também foram representados em desenhos do arco e da flecha, da enxada, da arma de fogo, do poço, da casa, do plantio, do trabalho sobre o barro, da domesticação do cavalo e de seu uso como meio de transporte. Esses produtos culturais e tecnológicos contrastam com as coisas da natureza e de sua transformação.



As imagens e seu jogo de codificações e representações visuais apresentam um conjunto de informações visuais que ilustram iconicamente várias situações existenciais a partir das quais se desenvolviam reflexões e debates, opiniões e aquisições de saberes ecológicos sobre o ecossistema, os ciclos naturais, a diferença entre os espaços e as paisagens rurais e urbanas e a necessidade de conservar os recursos naturais com o fim de preservar a vida no planeta.

A análise das imagens demonstra que seu uso pedagógico na pedagogia freireana possibilitava o desenvolvimento da consciência crítica relativa ao ambiente natural, não somente como fonte de matéria-prima para a produção da cultura e dos artefatos culturais necessários ao processo de humanização do indivíduo e da sociedade.

Ademais, conforme observamos nos resultados e nas conclusões da pesquisa supracitada, Paulo Freire empregava a imagem, basicamente, de três maneiras: ilustrativa, com o intuito de embelezar e seduzir esteticamente o educando; mneumônica, considerando que as imagens serviam para guardar visualmente as informações discutidas; e epistêmica, quando as imagens eram tratadas como textos que deveriam ser lidos, decodificados, analisados e entendidos. Desse modo, os jovens, os adultos e os idosos alfabetizando poderiam ler o mundo também pela mediação da imagem.



Portanto, o diálogo a respeito das imagens que expressem a necessidade de cuidado com o meio ambiente na luta contra sua destruição possibilita mudanças no modo de ver, sentir, intervir, criar e recriar o mundo. Assim, o uso da imagem na EJA, a partir das propostas de Freire, além de formar seres criadores e criativos, possibilita a tomada de consciência sobre as necessidades ambientais na contemporaneidade.

FINALIZANDO

Considerando o que foi exposto, pode-se dizer que a presença da imagem no cerne da educação de jovens e adultos é uma realidade. Seu emprego pedagógico, no que tange ao estudo, ao ensino, à investigação e ao debate sobre o tema 'meio ambiente', e as questões socioambientais, assim como os problemas de natureza ecológico-planetária é um fato.

A imagem e seus diferentes gêneros visuais, como desenhos, pinturas, fotografias, filmes e vídeos, podem ser utilizados como objetos de análise, como fontes de informação e como ferramentas pedagógicas que possibilitam criar pontes visuais significativas entre os saberes prévios dos educandos e os conhecimentos sistematizados sobre questões diversas, como, por exemplo, os saberes ecológicos emergentes na atualidade.

Em se tratando de educação de jovens e adultos, a cultura visual, os artefatos visuais, seus gêneros, as codificações e as representações são de grande valia epistêmica, sobretudo no que diz respeito à alfabetização de jovens e adultos, cujo público não dispõe do instrumental básico do código escrito. No caso da presença ineliminável da imagem visual em nossa história contemporânea, o emprego educativo e pedagógico da imagem visual, na formação da consciência crítica ecológica, aparece de forma evidente, fato confirmado por Freire, já em sua época, e a experiência com a educação voltada para jovens e adultos analfabetos.

ABSTRACT

The image is present in the history of mankind since the cave paintings left by our ancestors during prehistory, these paintings already made explicit the action of man on nature. Today, we are experiencing the "imagery era", driven by the exaggerated use of



images, which is often attributed to the communication companies that make them ever more attractive in the eyes of the observer. As regards the use of the image in the EJA in a Freirean perspective, it has an aspect of advertising and denunciation of reality, such denunciations may constitute subjects more ecologically conscious. Thus, based on Paulo Freire's method, the image has the intention to form impatient individuals, against a model of consumerist, individualistic, hedonistic society and indifferent to the environmental destruction that has been occurring in societies, as a result of the unbridled development around the capitalist model, which prioritizes having and not being. Therefore, the dialogue around images that express the need to care for the environment in the fight against the destruction of the same, allows changes in the way we see, feel, intervene, create and recreate the world. Through the use of the image in the EJA from Freire's proposals, in addition to forming creative and creative beings, it makes possible the awareness of environmental needs in the contemporary world.

Keywords: Image. EJA. Ecological awareness.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. *A imagem*. São Paulo: Papirus, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. História do menino que lia o mundo. *Fazendo História* n. 7. Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra. ITERRA: 2001.
- CARLOS, Erenildo João. O texto-imagem e a educação de jovens e adultos. In: *Revista Conceitos*. João Pessoa, v. 06, n. 13, p. 42-50, ago., 2005/ago., 2006.
- _____; VICENTE-CARLOS, Dafiana do Socorro Soares; ALCANTARA, Raquel Rocha Villar de. Uma investigação sobre a presença da imagem na proposta pedagógica freireana. In: CARLOS, Erenildo João. (Org.). *Educação e visualidade: a imagem como objeto do conhecimento*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012. p. 153-216.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez: 2001.
- _____. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2006.
- RIBEIRO, J. P. Capas de livros: entre a arte e o artifício. 2002. 166 f. *Dissertação*. Mestrado em Comunicação Social. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.
- SILVA, Maria Lúcia Gomes; CARLOS, Erenildo João. O uso da imagem na prática pedagógica do educador de jovens e adultos. In: *Revista Conceitos*. João Pessoa, v. 08, n. 15, p. 15-21, mar. 2009.
- VICENTE, Dafiana do Socorro Soares. A imagem televisiva e o papel do educador na formação da consciência crítica do discente. In: *Por uma Pedagogia crítica da visualidade*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2010. p. 103-123.